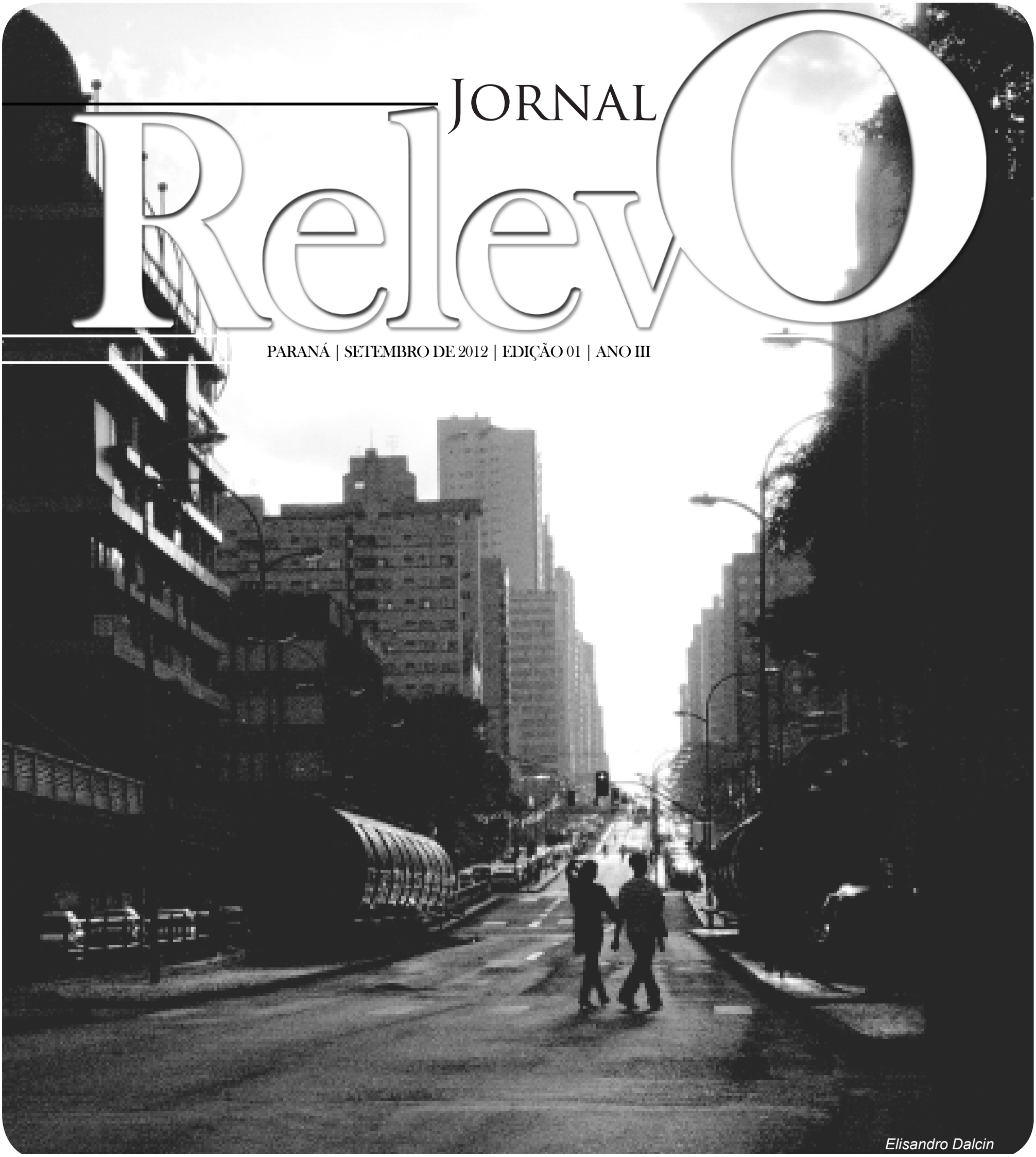
Jornal RelevO

PARANÁ | SETEMBRO DE 2012 | EDIÇÃO 01 | ANO III



Elisandro Dalcin

Ismael Alencar
Fotógrafo araucariense.

Marcos F. Monteiro
Quase jornalista, quase escritor. Fotógrafo.

João Francisco Paes
Compositor, instrumentista e artista plástico.

Elisandro Dalcin
Fotógrafo curitibano.

Ricardo Pozzo
Escritor e fotógrafo curitibano.

Daniel Zanella
Cursa 6º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Um tchutchukinho.

Augusto Meneghin
Poeta, músico, compositor e artista plástico. Publica seus trabalhos no endereço augustomeneghin.blogspot.com.

Isabelle Kolb
Cursa 2º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica seus textos no endereço impopularidade.wordpress.com.

Yohan B.
Cursa 8º período de Jornalismo na Universidade Positivo.

Juliano Grus
Poeta, artista plástico e produtor curitibano.

Simone Huck
Fotógrafa e escritora paulista. Publica seus trabalhos nos endereços letrasetempestades.wordpress.com, simonehuck.posterous.com e febrecronica.blogspot.com.

Paulino Junior
Ficcionista e mestre em Teoria Literária pela UNESP.

Fernando Koproski
Poeta, compositor e tradutor curitibano.

Daniel Osiecki
Professor de literatura e escritor curitibano. Publica seus trabalhos no endereço poesiatavolaredonda.blogspot.com.br.

Paula Cajaty
Escritora, poeta e advogada carioca. Publica seus trabalhos no endereço wp.paulacajaty.com.

Giuliano Quase
Escritor paulista e professor de literatura. Publica seus textos no endereço aguerradasimaginacoes.blogspot.com.

Carol Damião
Escritora e atriz curitibana.

Luci Collin
Poeta, ficcionista, tradutora e professora universitária. Publica seus trabalhos no endereço lucicollin.com.br.

Editorial

O Relevo inicia seu terceiro ano de atividades. Você poderá esperar que depois desta singela e sentimental introdução venha um rosário de reclamações sobre as dificuldades de administrar um impresso sem dinheiro público – ainda mais de literatura – em um contexto de crise jornalística e revisão de padrões.

Bem, existem algumas complicações para fazer vingar um periódico de literatura sem o colo estatal, mas não há evidências translúcidas de que a coisa seja um bicho de sete cabeças. Chegamos à vigésima sétima edição com o fôlego das meninas de vinte anos conhecendo os meandros do amor, com um novo projeto gráfico, uma proposta de um jornal mais arejado e tendo o texto como capitão – o que não reduz, a nosso ver, a importância gráfica dos fotógrafos e ilustradores.

Esperamos também que nesta terceira temporada a gente erre menos, o editor-chefe beba menos, as entregas de correios demorem menos, os leitores nos escrevam mais, os escritores colaborem com a gente de um modo sensato – pode parecer contraditório, mas fugimos dos inéditos, preferimos aquilo que o autor já tem na manga e, quando conseguirmos pagar nossas contribuições, deitaremos um novo caramanchão – e que o periódico resista às intempéries da vida e da morte.

Uma boa leitura a todos.

Salvando o Piauí do seu ufanismo

Os piauienses que me atacam, ou pelo jornal, ou por telegramas e cartas, têm essa sólida, inarredável e apavorante certeza: - O Piauí atravessa uma fase de prosperidade, desenvolvimento, crescimento industrial. Não há fome, não há mortalidade infantil ou descontentamento popular. Pelo contrário, o que há, inversamente, é exultante ufanismo. As chagas estão orgulhosas de si mesmas.

Nelson Rodrigues

Expediente

Fundado em Setembro de 2010
Edição: Daniel Zanella
Projeto gráfico: Marcos Monteiro
Fotógrafo responsável: Ricardo Pozzo
Impressão: Folha de Londrina
Tiragem: 2000
Edição finalizada em: 1º de setembro, 20h.

Contato

twitter.com/jornalrelevo
@jornalrelevo
jornalrelevo@gmail.com

Edições anteriores:
issuu.com/jornalrelevo

Jornal RelevO

Elisandro Dalcin

Para Nós, Os Amantes

DANIEL ZANELLA

São 3h19 e ainda não dormi. Mas não se preocupe, tenho insônia, não, minha querida. Aliás, até que durmo bem fácil. Nos dias em que não tenho de trabalhar cedo, até dez horas muitas vezes – e, se durmo pouco, meu corpo enumera meus cansaços e cobra a taxa depois. [Viu como é fácil nada dizer? Sou amplo nisso, mas não sei o que seria sem minhas repetições.]

Ainda não dormi porque resolvi saber o que acontece em outros esportes que não o futebol. Sabe, eu sou muito influenciável, você nem imagina quanto, às vezes, para descobrir um autor irônico, eu atravesso o percurso concordando com tudo. – Em uma dessas aulas de ética jornalística, um de nossos professores alegou que não existe jornalista esportivo porque, de fato, o sujeito sabe muito de um esporte somente.

[Ah, isto aqui não te faz pensar? O francês Jacques Généreux, do Instituto de Estudos Políticos de Paris, em seu livro O Horror Político, refere-se assim às ações sociais de governos: "Se ainda existe algum interesse pelos "excluídos", pelos pobres, em suma, pelos "inúteis", é pelo fato de ainda serem eleitores. Mas o que aconteceria se não vivêssemos mais em democracia?]

Como a noite de domingo é apaixonada pelo silêncio, mal ouço meus dedos escrevendo coisas que logo não me pertencerão, agora que você me lê, com seu idioma singular de significados.

Estive me perguntando. O que buscamos na soma de nossos dias solares? O amor? A recompensa financeira? O reconhecimento? Eu, como aquela canção dos Secos & Molhados, só sei dizer de mim e só sei dizer de mim. Creio buscar viver ao meu tempo – nisso eu serei bom, nisso eu me fio, de viver um tanto contra a corrente, me alimentando de prazeres hedonistas e simplórios, desde uma segunda-feira destinada à inutilidade – não é o caso de hoje – até o estoque de vinho para os amigos imprevisíveis.

O que quero te dizer é que neste curto período já de tantas intensidades, nós dois mergulhamos sem levantar muita água no universo vasto e inimaginável de cada um – o que pensa você de tudo? O que eu penso de tudo? – e estamos seguindo um curso tranquilo de amantes, que se deleitam em madrugadas alcoólicas, que acordam sem numerário e cronometrias, que se deixam conduzir, langorosos, no alfabeto de sussurros, gemidos e palavras poucas.

E nisto estamos sendo bons: não gastando palavras que não nos pertencem porque ao início, pisando delicadamente no céu de estrelas de cada um, nós, que somos nós, os cúmplices, os íntimos, os universais.

Os amantes.

Boa noite, minha querida.

INSPIRAÇÃO DE COR

COMO NÃO CHEGUEI
MUITO BEM PREPARADO
VOU RECITAR UM DAQUELES
QUE JÁ SEI DE COR
DE COR ATIVO
DE COR ATADO
E AOS QUE CRITICAM
A QUEM A COR DEMORA
TRAGO ESTE
QUE FIZ AGORA
E SE DEDICO A NINGUÉM
UM CLAMOR QUE JÁ FOI
PASSADO
CHEGO ASSIM, DESAPERCEBIDO
DIZ A COR, SOADO

JULIANO GRUS

Ricardo Pozzo

JULIANO GRUS

SEM PALAVRAS

SEM PALAVRAS
INICIO
MEU DISCURSO

QUASE CALADO
DEIXO
UMA PÁGINA EM BRANCO

JOGADA

MEU JOGO NÃO TEM CURINGA
NÃO VALE DINHEIRO, MAS
VALE O JOGO.
O VALETE BRIGOU COM O REI,
USOU UM ÁS DE ESPADAS.
MINHA RAINHA
SÓ APARECE DE VEZ EM
QUANDO.

a de uma febre

Era um dia de inverno quando notou suas mãos avermelhadas e quentes. Percebeu que há dias uma febre fazia moradia em seu corpo distinto.

Sacudiu as mãos como se pudesse soltar aquele estado. Tomou mais água. Tomou mais vodka e sentou-se na cama. Tirou a blusa, a calça, a calcinha e o soutien. O que mais poderia arrancar na tentativa de esfriar seu corpo e sua imoralidade repentina, repetida e diária? Tudo tangia a uma insuportabilidade incontrolável.

Deitou, fechou os olhos e tentou buscar algum tipo de libertação – fora da nossa alma as coisas são frias, rasas e possuem um certo descaso de lápide.

Ali permaneceu deitada. Recordou as cenas do seu dia na tentativa de apaziguar seu corpo. Lembrou-se da moça na esquina que tomava um picolé azul em pleno inverno. Das capas de revista na banca de jornal anunciando corpos magros e rostos perfeitos, tratados por um photoshop que desacatava a sua mínima inteligência visual. Tudo era tão ilusoriamente bonito e perfeito. Lembrou-se das pessoas que choravam no velório repetitivo de todos os dias e do rapaz que, do lado de fora ao cenário das lágrimas, vendia um DVD pirata exposto no banco da praça cujo título era Plano de Fuga – quisera tanto um, pensou.

Tudo era tão rotineiro e previsível e de nada adiantou recorrer a essas paisagens. Outra vez aquela febre terçã anunciava na sequência morta, um choro convulsivo. A convulsão é o desespero do corpo, da sentença ou da omissão?

Levantou, nua e vermelha. Colocou-se diante de um espelho. Precisava enxergar em seu corpo de onde vinha aquilo. Percebeu que estava mais magra, mais abatida e com olheiras que há dias não dormiam. Foi então que lembrou o novo faqueiro na cozinha. Seus olhos brilharam como navalha. Facas novas para todos os tipos de epidermes, estromas, músculos e ossos.

Colocou-se novamente nua diante do espelho e pensou: e se começasse pelas pernas? Será que não era ali o foco primário dessa metástase febril que lhe assaltava?

Começou a decepar a perna esquerda enquanto buscava justificativas. Há anos corria tanto, tanta pressa, tantos passos, tantas escadas, tantos caminhos.

A cabeça do fêmur dificultava um pouco a ação, mas suas mãos estavam certas de que ali poderia estar a liberdade para todo o resto do seu corpo que pedia. Arrancou assim a perna e esperou a febre passar. Nada. De nada adiantou. Puxou a cadeira. Sentou de lado e resolveu arrancar um dos braços, o direito. Talvez o acrômio fosse um osso mais fácil de cortar, pensou, e assim começou a amputar enquanto novamente buscava justificativas. Há anos abraçava quase tudo que acreditava e desacreditava com uma certa covardia que não desiste. Há anos sustentava tudo entre eles. Seria o braço direito o foco primário dessa agonia que lhe assaltava? Decepou o braço. Esperou a febre passar. Nada. De nada adiantou.

Ela ainda ardia em febre, vermelha. Completamente tomada por desejo e expectativa. Olhou pra sua barriga e pensou: era ali o foco. Só podia ser. Era ali o nascimento de tudo. Lembrou-se das coisas que digeriu nos últimos anos: o casamento desfeito, a casa vendida, o filho morto, o subemprego, a subvida e uma coleção de sonhos falidos, vencidos e cinzas.

Colocou a faca em direção do umbigo e começou a arrancar, a cavar, a jogar tudo pra fora: fígado, baço, rins, intestinos, glândulas, gordura, sangue, linfa, seiva, cores, alfinetes, pregos, palavras enferrujadas, papéis podres, punhados de mentiras enrolados em aço, vidro, carniça, lombrigas, insetos mortos, insetos vivos e finalmente encontrou alguma coisa.

Um envelope? Como assim um envelope? Havia um envelope atrás da sua costela. Com uma das facas foi cortando o que estava em volta e conseguiu, com o braço que ainda restou, pegar o envelope. Com a ajuda da boca abriu. Havia uma carta dentro, escrita a lápis, com uma letra dura, preta, trêmula e insegura. A carta foi deixada na vida passada dentro dela. Estava ali há séculos, anos, países.

Abriu e leu a seguinte frase:

"Continuo te amando, mas sigo desistindo porque sei que fomos gerados no ontem de cada um. Guardei para você o meu melhor amor, mas a sua incapacidade de perceber as coisas simples nunca o enxergou."

Então ela amassou a carta e percebeu que a febre passou. Estava fria. Morta. Amarela. Chorou como quem chora lua, galáxias, infinito. Pegou a última faca que estava limpa e cortou o próprio pescoço. Sua cabeça despencou e rolou. Sentiu uma leve tontura na queda e foi vendo o mundo ficar invertido, submisso, tangente.

Sua cabeça parou perto de uma lata de lixo.

Seus olhos fecharam e finalmente encontrou a libertação daquela febre que lhe pedia apenas mais vida dentro da sua própria vida rasa. Apenas um olhar capaz de mudar sua inóspita trajetória.

Lâmina cega e suja.

Elisandro Dalcin

SIMONE HUCK

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL
Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial
Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895
Av. Dr. Victor do Amaral, 1020, 2° andar - Centro - Araucária | www.exatoeducacional.com.br | exato_cursos@brturbo.com.br

HAPPY HOUR

Paulino Junior

Quando demos por nós, reparamos que todos na nossa mesa da choperia haviam dado baixa no happy hour de sexta. Ele estava louco para ver a TV Full HD de LCD que eu havia acabado de dividir no cartão para explorar todo o potencial do Blu-ray. Olhamos um pro outro e ficamos a fim de dar uma esticadinha no happy hour e tomar a saideira aqui em casa.

Astuto como o diabo, não me espanta sua posição na empresa. Gerencia conflitos como ninguém. Começou com brincadeirinhas bobas e eu demonstrei eficiência, agindo como um estagiário que tivesse recebido o encargo de entregar uma planilha de custos em cima da hora.

Maldito álcool! Talvez eu devesse ter ido embora mais cedo, mas o papo tava bom. Caí como um patinho diante daqueles olhos de serpente. Ele perguntou sobre minha noiva e eu devo ter reclamado de que ela anda ocupada se preparando para o concurso da Receita Federal. Seus olhos brilharam e acho que ouvi alguma coisa sobre chamar o suplente.

A boa pinta e todo aquele álcool me desarmaram. Ele colocou para fora e eu disse com naturalidade calculada: "quebro seu galho". Foi aqui neste sofá, onde agora tomo café solúvel e, mesmo de ressaca em todos os níveis, a lembrança me faz acender um cigarro.

Estou me sentindo um pouco mal. Quero dizer, estou trabalhando tanto, me esforçando para ter ideias criativas, que já não tenho nem mais tempo para saber direito quem eu sou. Não quero mais pensar no assunto. Até porque sei que vai morrer aqui, ele tem mulher e filho e é profissional o suficiente para não misturar as coisas. Foi mesmo "só uma brincadeira sem maldade", como ele mesmo disse. Igual quando a gente é menino e se descobre brincando com outros meninos.

Não sei por que insisto em tomar a porra deste café depois de uma noite de bebedeira. Parece que é só para provocar o vômito. Aquelas coisas que a gente faz já sabendo que não vai dar certo. Vou soltar tudo na privada e mandar a lembrança na descarga. O que foi, foi. Depois vou tentar dormir um pouco mais ou curtir o meu blu-ray com um lançamento da videolocadora, também tenho que acabar de ler O segredo é ser proativo. Talvez eu mande um email para ele... Será?

A vida nos ensina a engolir tanta coisa!

Ricardo Pozzo

de 5 EM 5 minutos

FERNANDO KOPROSKI

de 5 em 5 minutos
enquanto chove
passa todo ônibus que não é o meu
de 5 em 5 minutos
a máquina do mundo engasga,
as suas engrenagens perdem fôlego
e ela tosse sangue e óleo queimado
de 5 em 5 minutos
a máquina do mundo vê
mais um poeta no meio do caminho
e sem pensar duas vezes o atropela
de 5 em 5 minutos
chove e chove e chove
de 5 em 5 minutos
se passam muito mais do que cinco minutos
de 5 em 5 minutos
uns morrem de câncer
outros de solidão
de 5 em 5 minutos
a solidão foi tomando
um a um os seus órgãos
de 5 em 5 minutos
a solidão foi comendo
mastigando ele por dentro
até que um dia acabou morrendo
de solidão generalizada
de 5 em 5 minutos
ainda chove
de 5 em 5 minutos
os sonhos crescem como ervas daninhas
em teus mais belos e conformados jardins da mente
de 5 em 5 minutos
novas formas de beleza
são inauguradas e perdidas para sempre
na tua frente
de 5 em 5 minutos
em pleno inverno
os ipês têm a sublime audácia
de expor suas pétalas roxas
para nós mais uma vez
de 5 em 5 minutos
a vida não pode perder seu tempo
com esse poema
de 5 em 5 minutos
a menina de 4 aninhos
tem seus bracinhos e costas queimados
por pontas de cigarro
de 5 em 5 minutos
há mais de três meses
a menina de 4 aninhos
está sendo estuprada
de todas as maneiras
que se possa imaginar
de 5 em 5 minutos
um caminhão se perde na curva
e esquarteja gérberas
quando corta de fora a fora
pela linha de cintura
uma mulher grávida
que esperava o ônibus
de 5 em 5 minutos
as árvores são asfixiadas
pelas sombras tóxicas dos edifícios
de 5 em 5 minutos
os rios morrem afogados em triste sujeira
e suja tristeza
de 5 em 5 minutos
a chuva não limpa mais nada
de 5 em 5 minutos
a chuva suja muito mais
do que simplesmente a roupa no varal
ou a inocência dos desavisados
ou a ingenuidade dos distraídos
de 5 em 5 minutos
violências inimagináveis passam a ser imagináveis
por alguém
bem perto de você
de 5 em 5 minutos
almas de alfazema morrem
de doenças seguramente erradicadas
há mais de um século em meu país
de 5 em 5 minutos
a menina de 4 aninhos
vê uma minipétala de sangue crescendo
no lugar do que um dia seria seu seio
ao ter seu primeiro mamilo arrancado
de 5 em 5 minutos
se passam muito mais do que cinco minutos
de 5 em 5 minutos
ninguém mais se lembra
do que aconteceu com a menina de 4 aninhos
ou com a mulher grávida
ou com a chuva
ou com as árvores
de 5 em 5 minutos
somos intoxicados por um amor
que nunca será o bastante
de 5 em 5 minutos
você pode optar pela urgente
veloz e ingrata corrida dos ratos
ou pela sábia e paciente renúncia dos gatos
de 5 em 5 minutos
novas doenças estão sendo criadas
para conter o avanço de seus filhos
e dos filhos de seus filhos
para evitar que o nosso inadmissível fracasso
se prolongue por muito mais tempo
de 5 em 5 minutos
nossas ideias de felicidade
se espatifaram entre a gente
de 5 em 5 minutos
hoje eu ando devagar
com cacos de sonhos
fincados nos pés
de 5 em 5 minutos
volta a chover novamente
de 5 em 5 minutos
enquanto chove
eu vivo aqui
esperando o ônibus
junto com a mulher grávida,
a menina de 4 aninhos
e a chuva

Joaquim Livraria
livronauta@joaquimlivraria.com.br
Rua Alfredo Bufren,51 conj 2 - Centro / Curitiba-PR
LIVROS - LP S
(41)3078-5990
www.joaquimlivraria.livronauta.com.br

Construção e desconstrução

"O poeta é um fingidor.Finge
tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente"...

DANIEL OSIECKI

Ricardo Pozzo

Este poema faz parte de um livro chamado O Cancioneiro, composto por poemas líricos, rimados e metrificados, de forte influência simbolista. "Autopsicografia" reflete sobre o fazer poético. Porém, há de se perceber que o poeta parte de uma dor sua, real, integral. Só quem sente uma dor pode fingir que não a sente. Podemos entender que todo poema é uma viagem interior, é a busca do poeta por si próprio. Diz Carlos Felipe Moisés que "o poeta é livre para escrever sobre o que quiser, mas quase sempre escreve sobre si mesmo". E nunca ou quase nunca essa busca chega a seu fim. Carlos Felipe afirma que a poesia de autoconhecimento tem a força da tradição, que é a chamada tradição lírica. Essa tradição se caracteriza por uma ideia de confessionalismo, ou seja, "o poeta faz ao leitor confissões íntimas", e também pelo sentimentalismo, pois o poeta lida principalmente com suas experiências afetivas.

Ao mesmo tempo em que notamos a presença do eu-lírico no poema, sabemos que além desta "voz do poeta", há o escritor, a pessoa, o homem. Para Fernando Paixão, em seu livro O que é Poesia, "a profissão do poeta é armar símbolos, tecer caminhos imaginários sobre a página, oferecer ao seu companheiro de viagem, o leitor ou ouvinte, uma inusitada sensação: a intimidade das palavras, o enredamento caloroso dentro delas". Portanto, há de se perceber também a figura do poeta como emissor, ao passo em que o leitor é receptor. Há experiências diversas de entendimento entre leitor, poeta e o seu eu na poesia lírica.

Para David Mourão-Ferreira, o fenômeno lírico não é caracterizado pela natureza da emoção ou do motivo. O que caracteriza o lirismo é o aspecto involuntário, ou seja, as emoções que se apresentam ao poeta e se desenvolvem no decorrer da criação poética. David afirma que toda poesia é lírica e o lirismo é um ideal de equilíbrio, ou seja, ele que dá às grandes épocas da poesia a razão de ser.

Revista Orpheu

Em 1915, alguns poetas portugueses como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Raul Leal, Augusto de Santa-Rita Pintor, Luís de Montalvor, Almada-Negreiros, Rui Coelho, Tomás de Almeida, Alfredo Gusado, Armando Côrtes-Rodrigues e o brasileiro, porém de passagem, Ronald de Carvalho, resolvem criar uma revista que servisse de porta-voz e concretização de seus ideais estéticos, com grande influência dos movimentos literários que estavam vigentes no resto da Europa. Nasce Orpheu, cujo primeiro número, correspondente a janeiro/fevereiro/março, aparece em 1915, sob a direção de Luís de Montalvor.

De acordo com as ideias estetizantes e confessadamente esotéricas, põem-se a criar uma poesia alucinada, chocante, irritante, irreverente, com o intuito de provocar a burguesia, símbolo acabado da estagnação em que se encontra a cultura portuguesa. A poesia entroniza-se como a forma ideal de expressar o espanto de existir, sintetizando toda uma filosofia de vida estética, sem compromisso com qualquer ideologia de caráter histórico, político, científico ou equivalente. A aderência ao modernismo significa, pois, o rompimento com o passado, inclusive com o Simbolismo.

A revista corresponde a um momento em que as consciências se elevam para planos de indagação universal, para a constatação de uma angústia geral, fruto do contexto conturbado em que passava a Europa e o mundo no início do século XX. A Primeira Guerra Mundial é a manifestação nítida dessa crise provocada pela necessidade de abandonar as velhas e tradicionais formas de civilização e cultura (de tipo burguês) e de buscar novas fórmulas substitutivas.

O homem perante sua

própria imagem angustia-se, também pela ausência de Deus ou de qualquer verdade absoluta capaz de explicar-lhe a falta de sentido da existência.

Um segundo número de Orpheu é publicado em 1915, sob direção de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Um terceiro número, embora no prelo, não chega a sair, pois Sá-Carneiro, que vinha sustentando financeiramente a revista, suicida-se.

Os principais heterônimos

Fernando Pessoa criou 72 heterônimos. Começou a inventar na infância nomes para assinar escritos diversos. Foi assim que o poeta se multiplicou em várias pessoas: de Alexander Search, autor de versos em inglês, ao Dr. Pancrácio e Maria José, a que mais se destacou entre as mulheres.

Os heterônimos propriamente ditos, com identidade e até horóscopo próprios, só surgem em 8 de março de 1914, quando, de uma só vez, escreve O Guardador de Rebanhos, de Alberto Caeiro. No mesmo ano, nasceriam Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Em ordem alfabética, o perfil dos principais.

Alberto Caeiro: Mestre do poeta e de todos os heterônimos. É um camponês autodidata, sem erudição. Nasce em Lisboa em 1889 e morre na zona rural em 1915, de tuberculose. Por causa da saúde frágil, viveu quase toda a vida na casa da tia-avó numa pequena vila do Ribatejo. É descrito como loiro, pálido e de olhos azuis. É autor de O Guardador de Rebanhos, composto por 49 poemas. O processo criativo espontâneo traduz a busca fundamental de Caeiro: a completa naturalidade.

Álvaro de Campos: Nasce em Tavira, no Algarve, em 1890. É engenheiro e vive em Lisboa sem exercer a profissão. Fez uma longa viagem ao oriente, período em que escreve Opiário. Nesse poema, o engenheiro Campos, influenciado pelo Simbolismo, ainda metrifica e rima. Escreve quadras, estrofe de quatro versos. Em seguida, Campos envereda pelo Futurismo, adotando um estilo febril, entre as máquinas e a agitação da cidade. Os poemas de Álvaro de Campos são marcados pela oralidade e prolixidade que se espalha em versos longos, próximos da prosa. Despreza a rima ou a métrica regular. Despeja seus versos em torrentes de incontrolável desabafo. Em 1928, publica a obra-prima Tabacaria. Foi ele que arruinou o noivado de Pessoa com Ophélia. É alto, de cabelos pretos e usa monóculo.

Bernardo Soares: Tem vida modesta como assistente contábil em Lisboa. As datas de nascimento e morte são desconhecidas. O poeta o conheceu numa cantina chamada Pessoa. É o autor do Livro do Desassossego.

Ricardo Reis: Nasceu no Porto em 1887. Educado pelos jesuítas, torna-se médico. É um erudito que defende os valores tradicionais. Monarquista, exila-se no Brasil assim que é instaurada a república portuguesa. Escreve odes inspiradas em Horácio. A linguagem de Ricardo Reis é clássica. Usa um vocabulário erudito e, muito apropriadamente, seus poemas são metrificados e apresentam uma sintaxe rebuscada.

Avaliação crítica

No antológico poema "Aniversário", de Álvaro de Campos, poetiza-se uma situação constante, típica na lírica do heterônimo modernista: a do confronto entre dois tempos, entre duas horas (outrora e agora) e a do reconhecimento de uma defasagem entre um eu primitivo e o eu atual.

O poema principia com uma evocação do "tempo em que festejavam o dia dos meus anos", o tempo da infância em que "eu era feliz e ninguém estava morto". Juntamente com este tempo de felicidade evoca-se um espaço ideal, o espaço das origens, "a casa antiga", atente-se para a caracterização "antiga", onde havia "a alegria de todos". Em oposição a este eu primeiro, o poema coloca o eu de hoje, que se define através de imagens de despojamento, de privação: "*O que eu sou hoje é terem vendido a casa, / É terem morrido todos, / É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...*". Um espaço de raízes se perdeu, houve uma extinção de seres queridos e uma perda da própria chama interior. A identidade primeira, feliz, já não se dá.

Esta problemática da descontinuidade interior, da perda de uma identidade primeira que o leva a sentir-se "estrangeiro aqui como em toda parte" ("Lisbon Revisited"), que é responsável pelo estilhaçamento do eu, "sou um espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir" ("Apontamento"), constitui uma das obsessões do universo Álvaro de Campos, aparecendo em numerosos outros poemas.

No poema "Lisbon Revisited", assim como o tempo estilhaça o eu, e que o impossibilita de encontrar-se consigo próprio, também o impossibilita de reconhecer o mundo, onde o passado não pode ser recuperado. O estranhamento em que o poeta sente em relação a Lisboa de sua infância já começa pelo título do poema, que é grafado em inglês. A volta ao passado não lhe traz nenhuma sensação de gozo ou prazer por revisitar sua antiga cidade. Lisboa aqui está perdida para sempre, e como diz Teresa Cristina Cerdeira, "nenhuma memória involuntária lhe devolve a magia do passado; a sua visão só chega aos bocados, em fragmentos fatídicos que não recompõem a identidade".

Nesta busca por si mesmo, nesta indagação acerca da própria identidade, Álvaro de Campos, num poema fundamental para a compreensão de sua lírica, "Pecado Original", propõe: "Sou quem falhei ser". Aqui podemos perceber que o eu atual só existe por um outro eu do passado não ter existido. Há nesta fórmula com que se autodefine a consciência de ser um aborto, a consciência de ser alguém de certa forma errado e falso, e o termo "errado" é muito recorrente e importante para os poetas de Orpheu, ou seja, a consciência de não haver atingido uma identidade verdadeira.

A infância em "Pecado Original" adquire, portanto, nova dimensão; não constitui apenas a infância histórica, mas uma outra infância, atemporal, a infância das origens num outro estado, também num outro espaço. Todos os sonhos, tudo quanto há e pode haver remete a esse estado original, está vinculado a esse estado outro de que a alma padece diante da nostalgia.

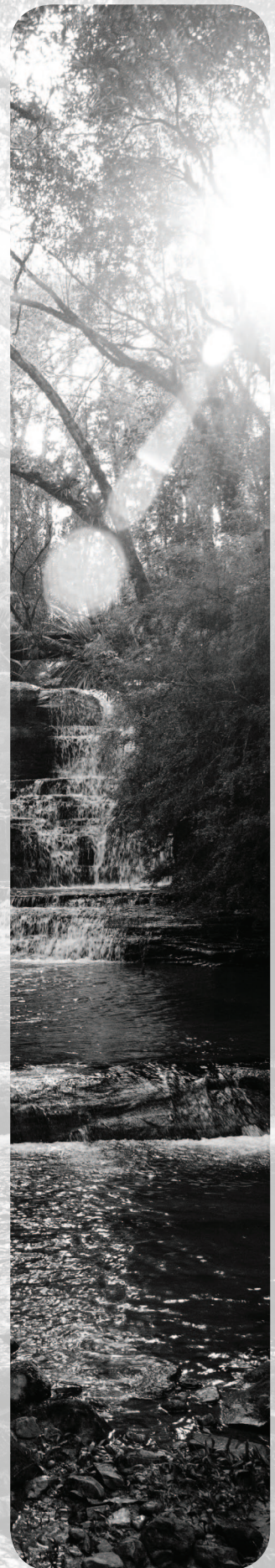
Paralelamente a esta consciência de incompletude existencial, de enfermidade, há uma ânsia de salvação, a expectativa de um dia em que ela se consolide, como o exprime o poema "Magnificat". Note-se que a imagem da "casa", também presente no poema "Aniversário", reaparece também neste. O anseio por voltar às origens consolida-se na imagem do "recolher a casa", tendo o prefixo re todo seu valor originário. É significativo que no poema "Aniversário" a "casa" esteja caracterizada como "antiga", e este é um adjetivo recorrente em Alberto Caeiro como em Álvaro de Campos. A "casa antiga" condensa toda uma complexa força expressiva, já que é, ao mesmo tempo, matriz, centro gerador da vida como também lugar do carinho, do afeto e do acolhimento. "Recolher" à "casa antiga" é retornar ao acolhimento amoroso das origens, ao amor. A nostalgia de "recolher a casa" manifesta a nostalgia de um centro, de um foco de calor para o qual Álvaro de Campos está voltado.

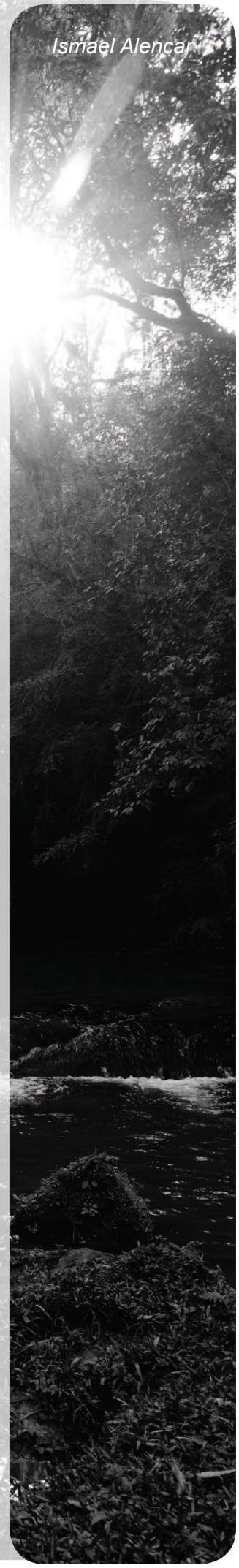
AVON
the company for women
Quer revender?
Entre em contato com a gente
Jucélia
(41) 3031-2357
(41) 9663-7557

atrás do atrás

pode levar muito tempo até que o escondido de suas pálpebras
deixe de ser gelo para habitar uma nova casa
atrás do atrás estão os verdadeiros motivos
que fizeram você se despir
e aceitar meu convite para tomarmos um banho
atrás de nós apenas o tempo passa
as floriculturas, inclusive, fecham as suas portas
porque não recebem clientes após as 22 horas.

a moça diz: "sinto muito estamos
fechados"
o que não importa
porque não queremos nos presentear
com flores.
ontem quando voltei uma neblina
espessa
cobria o mundo e o vidro do meu
carro
podia jurar que o lugar que passo
todos os dias
não era o mesmo lugar
pois havia uma nuvem branca
como o gelo que se esconde em
nossas pálpebras.
ninguém inventou um instrumento
para medir as expectativas do vento
(ou as nossas).
nós e o vento somos os mesmos:
vivemos e gememos sobre um nicho
de porta
translúcida, opaca ou de chumbo:
nada importa:
o que está escondido está atrás do
atrás
e vindo para a frente
como uma centena de centopéias
atrás de uma folha de açúcar.
& a vida humana
atrás do atrás, sempre atrasada,
esperando um trem ou coisa parecida
para levar seus cadáveres para a
bolsa de valores.
haverá chuva?
alguém incomodará nosso sexo
durante a tarde?
atrás do lençol deixaremos um suor
petrificado
guardado como um precioso caco de
vidro
que entretanto não cortará nossa
pele.
gosto de inventar matérias novas para esconder as matérias velhas
de sufocar o conhecido
andar de teleférico e fazer têmpera com areia.
atrás de mim está você e eu atrás de você
sem que ninguém saiba quem chegou primeiro
ou quem sairá depois quando o que estiver escondido
se revelar para sempre como o mais visível
e sempre presente
etc.





Augusto Meneghin

o corpo sobre tudo

o corpo sobretudo
limite e fronteira
filtro pó estrada
caminho e trincheira

o corpo sobre o corpo
novo
onde se alcança
outro
onde suporta
chão
onde se cala
fogueira

silêncio. sobretudo quando
o corpo jaz
sobre a poeira
sobre a chama toda
sobre a aurora silenciosa
alvissareira
de uma madrugada de junho.

PAULA CAJATY

A oração do inimigo público

Yohan B.

amigos folgados, fodidos, garçons do tráfico, bandidos,

parentes, porcos, putos, professores, manobristas,

patricinhas nojentas e malabaristas, vadias de 50, vadias de quatro, vadias de 13 e seus namorados,

ralé purpurinada, designers, funkeiros, fotógrafos

e punheteiros, todas as estrelas do céu, os rostos

mais bonitos do mundo, mendigos suplicantes, universitários profundos, travecos da esquina com peitos de fora, donos de boteco, toda a corja,

porteiros veados, motoristas cheirados, aidéticos, atendentes de supermercado, promotores públicos,

desempregados, desembargadores e aleijados,

vagabundas de salto alto, maconheiros, artistas

de rua, skinheads, metaleiros, crackolentos pedindo dinheiro, jornalistas de merda, advogados, mais uma vez os amigos safados,

generais, escritores, velhos infectos, famílias sem-teto,

atores, modelos, comediantes, vegetarianos, promoters, amantes balzaquianas, crianças modernas, sacerdotes parafílicos,

gordas carentes e ripongas pacíficos, dançarinas, boleiros, drogados fuleiros, funcionários do mês, gente escrota e o deus de vocês:

uni-vos contra mim, mato no peito todos mais um, cada um e qualquer de vocês, todos por si e eu por nenhum.

Ricardo Pozzo

GIULIANO QUASE

"De onde vêm esses seres?"
Vêm de mim. Sou eu mesmo, uns quarenta por cento. Tem vez que é bem mais: sessenta, setenta, cem por cento. Depende da piração.

[Ignácio Loyola Brandão]

Livro de ocorrência

como aconteceu

O personagem em construção de repente ficou mudo. Assim, do nada. O autor, por sua vez, desconhece as origens do ocorrido.

um nove zero

Ele acionou a polícia. Imediatamente.

definição

Então, na casa do autor, os peritos verificaram os originais, analisaram as margens anotadas nas folhas soltas marcadas de café, os borrões, pastas de rascunhos, cadernos, esboços, bonecos e nenhum vestígio que poderia incriminar o personagem foi encontrado. No local de averiguação, do acontecido, ou seja, do crime de mentira, o personagem esteve submetido ao interrogatório de praxe e, conforme o parecer dos especialistas, este ser ficcional só poderia ser plano.

passa o alicate

Sob tortura, os técnicos conseguiram arrancar, além de dois dentes, algumas palavrinhas plagiadas da personagem de ficção, que não queria envolvimento algum – pelo que tudo indica – com o enredo da narrativa rocambolesca do autor:
- Prefiro não fazê-lo.

na delegacia

- Marcão, arquiva a parada porque há uma certa introdução à problemática da literatura. Especificamente falando deste conto.
Dito assino e dou fé.

Elisandro Dalcin

CALCEAKI
CALÇADOS & ESPORTES
QV

Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro - Araucária. Fone: (41)3642-1622

“Há uma leveza inexplicável no vazio. Uma sutileza profunda nos vãos.”

Carol Damião

Da minha parede escapam os vincos, e eu, queria te dizer tantas coisas, mas só alcanço os pedaços. São tantos, um amontoado de coisas velhas que ficaram aqui pra trás. Quando você disse que voltaria e que sempre estaria por aqui eu não fui capaz de acreditar. Mas hoje, reorganizando essas gavetas... Abrir a porta dos armários e verificar o cheiro das roupas, limpar os sapatos usados, colar a pontinha do porta-joias, restaurar esses livros, pregar mais dois botões. Revendo essas fotos, não sou eu em nenhuma delas. Quem, quem é esta com as minhas mãos que segura este chapéu? E esta outra, de sorriso desconfiado, do que ela desconfia com os meus olhos? E esta pequena, de lancheira cor-de-rosa, que direito ela tinha de vestir os meus cabelos? São tantas as perguntas, que eu não consigo. Mas isso já não importa agora porque o que eu queria mesmo era te contar, agora que você está aqui de novo, que todo esse tempo que eu passei sem te perceber, eu, na verdade, fui você.

Mas isso já não importa agora que você voltou, já não importa, e você é capaz de compreender. Por que eu não posso mais olhar pra você como um reflexo. Você está aqui. Talvez sentada ao meu lado. Talvez existindo. Talvez morta em alguma destas fotos. O fato é que, eu, eu não estou em nenhuma delas. Há um ponto em que é preciso desistir, romper, tanger esta circunferência, e eu já me perdi. Confesso que gostaria de poder, mais uma vez, compartilhar da sua vida, mas tua vinda muda tudo. Um novo ponto, um novo plano, um novo recomeço. O fato é que, com ou sem você nada que está em mim é meu.

Preciso te dizer, eu sei, eu sei, de nada vai adiantar falar do que não importa, mas antes que você se perca novamente entre estes papéis e eu termine de organizar esta caixinha, eu preciso te dizer que ontem eu tive algumas recordações. Não, não as mesmas, eu tive outras recordações. Recordei-me, sim, novamente, de algo que não lembro ter passado, mas pude ter o presente destes fatos, por que recordei. Então, será mesmo verdade que todo este tempo que você não esteve por aqui, você mesmo não esteve em mim?

Por que eu sei que quando você partiu ficou na minha boca ainda o resto do teu rastro. “O que me escapa é o que me resta.”, eu fui capaz de pensar. E então eu vivi do vazio que você deixou. E se tua partida teve a força de tirar-me tudo, eu realmente não poderia ser nada que não fosse você. E eu fui, tateando os vincos, e preenchendo com o que neles me cabia e percebi que o sentido das coisas estava no preenchimento. Em cada canto eu colocava o que eu achava pertinente e não cabendo eu procurava, na tua falta, a falta do que era que ali eu sentia. E assim eu fui te construindo em mim.

E agora que você está aqui, a realidade pendente dos fatos, por que você é esta realidade pendente, a minha Mariana não quer partir. Mas não importa, por que isso é só mais alguma coisa. E quando você disse que voltaria, e eu me lembro de ter-me dito, e não importa que você nunca tenha dito, por que se eu lembro você disse e eu sei que de nada adianta falar do que não importa, mas me escute, me escute, com você aqui, olhar-me no espelho, te tendo ao meu lado, se torna impossível.

Quando você disse que voltaria eu acreditei. Mas quando você partiu, você lembra? Você foi me rasgando e eu não poderia esperar sem reparos.

Agora, o fato é que você está aqui em algum lugar, por que eu posso te sentir, suspensa em todas essas coisas, Mariana fotografia, Mariana sorriso, Mariana perfume, Mariana almofada, Mariana lustre, Mariana carta, Mariana lembrança, Mariana tempo, Mariana Mariana, Mariana, Mariana, Mariana, Mariana, Mariana, Mariana, Mariana, Mariana, Mariana, Mariana Eu.

Ontem eu construí o último pedaço de você e precisei jogar algumas coisas fora, por isso, Mariana, hoje eu tomei coragem de olhar estas gavetas, mas não podendo organizá-las, por que nada daqui mais é meu, acertar os lugares das coisas tornou-se complicado. Sinto-me diante de uma daquelas tartaruguinhas da infância, com as formas geométricas para encaixar, só que eu não sei do que se tratam estas formas, por que elas não passam por nenhum dos meus buracos e eu preciso que entenda, eu preciso que você me entenda, que esta sua volta repentina, e eu sei Mariana que eu também a desejei, esta sua volta me fez perceber que eu preciso te desconstruir pra te receber.

Ricardo Pozzo

Compreenda

ISABELLE KOLB

Não acompanho a sincronia dos passos das palavras

Intimidade com assuntos profundos que pensei dominar, desmentida

Não enxergo a calmaria nem envolta num belo e brilhante papel de embrulho

Desconheço a razão

Fujo de lógicas

Há pouca claridade

No fundo, boa atriz, bons disfarces

Procuro em você algumas respostas

Perco-me na sua falta de preocupação
Desatenta de tudo

Um carinho, um cafuné, um conforto

Durmo nos seus braços e vislumbro soluções

Distantes

Planejo alcançá-las embora atraída por problemas
Repetitivos, cansativos

- Entre no meu barco e não tenha pressa, minha querida

A solução!

Não sei / não posso concluir

Ricardo Pozzo

SCHRIFTSTELLER
(o livro de fotos)

LUCI COLLIN

assustador um homem que inventa
outros homens

o que veem seus olhos
abertos ou fechados
noite ou dia

assustador um nome que ao ser pronunciado
faz existir as frases que aguardam na estante

Nabokov caça borboletas
com uma rede adequada e pisará sobre flores

Estaremos numa primavera?

Beckett mira qualquer botão da camisa
no quarto de negra totalidade

Estaremos roucos?

Char segura uma bengala
ou uma espada

Estaremos mortos?

Kerouac vê cadeiras, teto, tapete,
cortina e um despertador automático

Estaremos prontos?

Borges, se você sair desta enorme janela
não vinga a eternidade

Estaremos rindo?

Genet sentado no chão desconsidera
a última moda em lenços de couro

Estaremos quites?

E você, escritorzinho sem fotografia,
precisa de um blazer axadrezado
com mangas puídas
um aluguel vencido
um cabelo sem corte
um olhar indecifrável
um cachorro latindo
uma dor aguda nas costas
ou no braço
ou de dente
um copo vazio
outro copo
ônibus barulhentos passando
a manhã inteira
a tarde inteira
a noite inteira
passando
uma solidão que semelha a brasa
comendo o cigarro
(por falta de imagem mais nobre)
precisa abraçar uma enorme estátua
e pensar numa palavra não inventada

Estaremos salvos?

João Francisco Paes